



Narrativas coloniais e discursos de poder: tirania em Siracusa de Período Arcaico

Colonial narratives and discourses of power: tyranny in Syracuse of the Archaic Period

Juliana Figueira da Hora¹

<http://orcid.org/0000-0003-2697-9248>
juliusp10@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i2.52288>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma discussão documental das fontes escritas em um contexto específico de formação das *póleis* gregas coloniais, contatos com populações locais e estabelecimento de laços de poder nos territórios fora da Grécia Balcânica. Traremos aqui uma perspectiva interpretativa das chamadas “narrativas coloniais” como força atuante de negociações culturais entre populações. A partir do estudo de caso de Siracusa, colônia grega de Período Arcaico, ensinamos inserir, na esfera dos embates políticos e sociais de época, narrativas coloniais embasadas nos discursos de poder no contexto das tiranias dos chamados “Deinomênidas”. Discorreremos sobre o posicionamento das tendências filosóficas quanto à tirania. Procuramos demonstrar como as documentações escrita e material são basilares para a compreensão da teia discursiva de poder tirânico local e da justificativa colonialista grega em aliança com as populações locais.

PALAVRAS CHAVE: narrativas coloniais; Siracusa; Grécia ocidental; discursos de poder; tirania

ABSTRACT: This paper aims to present a documentary discussion of written sources in a specific context of the formation of the Greek colonial *poleis*, contacts with local populations, and establishment of power ties in territories outside Balkan Greece. We will bring to this paper an interpretative perspective of the so-called “colonial narratives” as an active force in cultural negotiations between populations. Based on the case study of Syracuse, a Greek colony of the archaic period, we wanted to insert, in the sphere of political and social clashes of the time, colonial narratives based on power discourses in the context of the tyrannies of the so-called “Deinomenids”. We discuss the position of philosophical tendencies regarding tyranny. We tried to demonstrate how written and material documentation are fundamental for understanding the discursive web of local tyrannical power and the Greek colonialist justification in alliance with local populations.

KEYWORDS: colonial narratives; Syracuse; western Greece; discourses of power; tyranny.

¹ Doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Docente do Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA).



Fontes Escritas: uma introdução

(...) embora os arqueólogos possam ler os textos da cultura material de forma semelhante à maneira como lemos os documentos escritos, há diferenças marcantes entre a cultura material e a linguagem escrita ou falada (...) (HODDER, 1994, p.169)

As fontes escritas relativas à implantação e à expansão da pólis siracusana do Período Arcaico são relativamente escassas e, excetuando as descrições pormenorizadas de Diodoro Sículo², as demais fontes tratam marginalmente do Ocidente grego. A história do mundo grego, como sabemos, caracteriza-se pelo domínio de documentação textual produzida em Atenas de época clássica. O viés “atenocêntrico” sinalizava uma visão “centro-periferia” que classificava as *póleis* do Ocidente como simples desdobramentos da cultura grega original. Sua história, portanto, era contada à medida que reforçava o conhecimento acerca da Grécia Balcânica, mais especialmente da Ática.

Assim, para os primeiros tempos da vida das *póleis* sicilianas³ dispomos de historiadores como Heródoto e Tucídides que escreveram cerca de três séculos depois dos acontecimentos por eles relatados e descreveram aspectos das fundações gregas ao longo do Mediterrâneo e Mar Negro.

Os filósofos Platão e Aristóteles também elaboraram interpretações dos governantes tirânicos da Grécia Ocidental que representavam expressões do pensamento político que emergiram na Atenas dos séculos V e IV a.C., como veremos adiante (BIGNOTTO, 1988).

Para Vernant (1986, p. 68),

no imaginário grego a figura do tirano, tal como ela se desenha nos séculos V e IV, esboça os traços do herói legendário; eleito e maldito. Rejeitando todas as regras que fundam, aos olhos dos gregos, a vida em comum, o tirano se põe fora do jogo social. Ele é exterior ao conjunto de relações que une, segundo regras precisas, o cidadão ao cidadão, o homem à mulher, o pai ao filho. Ele se distancia, para o melhor e o pior, de todos os canais através dos quais os indivíduos entram em comunicação uns com os outros e constituem uma comunidade civilizada.

² Diodoro Sículo (ca. 90 a.C. – 30 a.C.), foi um historiador grego, que viveu no século I a.C. Cf. Ambaglio, Dino; Landucci Gattinoni, Franca; Bravi, Luigi. *Diodoro Siculo: Biblioteca storica: commento storico: introduzione generale*. Storia. Ricerche. Milano: V&P. p. x, 145.

³ Grupo étnico-cultural da Sicília.

De acordo com Carol Dougherty, a memória das fundações, forjada pelas várias modalidades de relato, vai se constituindo em um discurso coerente, um construto cultural socialmente instituído, cuja análise é importante para o conhecimento do que esse processo significou para as sociedades helênicas arcaicas. O enfrentamento de uma nova situação, envolvendo desde um novo ambiente a explorar, passando pelo estranhamento cultural diante de costumes de populações diferentes, representou, para os gregos, a urgência de criar instrumentos de conhecimento que lhes permitissem lidar com o desconhecido, com o não familiar. O uso das narrativas como documentação da memória destas fundações é, para Dougherty (1993), uma representação do contexto histórico da época.

Para se compreender a dinâmica existente entre as metrópoles e suas *apoikíai*⁴ é necessário lidar com as metáforas inseridas neste discurso, visualizá-las pela perspectiva histórica e analisar as narrativas coloniais como produto helênico, um *topos* que se estende desde os poemas homéricos até os *Moralia* de Plutarco (DOUGHERTY, 1993, p. 5). Assim, o discurso colonial e a descrição de um novo mundo foram elaborados com o recurso recorrente de metáforas.

Neste sentido, buscamos tratar de uma metáfora muito frequente em inúmeros relatos coloniais como meio de justificar o ato de separação de uma parte de seus pares, promovido pela comunidade, ao enviá-los para “longe de casa”. De acordo com Walter Burkert, a comunidade de época arcaica via-se obrigada a “expulsar” o homicida e com ele a calamidade por ele trazida: ele tem de abandonar a sua pátria e procurar no exterior um local, um senhor protetor que aceite executar sua purificação (BURKERT, 1985).

Trata-se esta de uma metáfora do fundador como um assassino que deve se afastar da comunidade e realizar, no exílio, ações benéficas que o purifiquem. As similaridades entre a situação de um assassino e a de um fundador (*oikistés*) começam com a obrigatoriedade de ambos pautarem sua trajetória futura, um após o assassinato perpetrado e o outro diante da missão de fundar uma cidade, pelo que lhes reservará o Oráculo de Delfos. Dougherty afirma que o assassino, para ser purificado, deve abandonar sua comunidade, ir para o exílio, sob a supervisão de Apolo Delfico (DOUGHERTY, 1993). O fundador, o *oikistés*, — muitas vezes motivado por um cataclisma natural ou desastre político — deve consultar o mesmo Apolo Delfico para que possa ser bem-sucedido em sua missão. No entanto, as duas situações podem se sobrepor quando a própria história da fundação de uma cidade refere-se ao seu fundador como um assassino, aquele que fora fadado ao ostracismo, obrigado ao exílio e que paralelamente atua como o seu *oikistés*.

⁴ *Apoikía* é o termo em voga nos circuitos acadêmicos para se referir aos assentamentos gregos ao longo do Mediterrâneo e Mar Negro entre os séculos IX e V a.C. As *apoikíai* mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado, mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico. Cf. glossário Labeca: <http://labeca.mae.usp.br/ptbr/glossary/>.

O Apolo que purifica torna-se o Apolo que coloniza; o assassino assume o papel de fundador. Platão esclarece esta conexão entre colonização e purificação de um assassino via exílio caracterizando o ímpeto para ambos nos mesmos termos — como um processo de divisão. Colonização, então, opera como um eufemismo para a purgação, efetivada pela cidade, de seus elementos indesejáveis. (DOUGHERTY 1993, p. 157)

O modelo “assassinato–poluição–purificação” utilizado pelos autores contemporâneos é, no fundo, um processo de negociação de representações no âmbito de uma comunidade que decidiu expulsar parte de seus membros para que os que ficassem tivessem uma situação melhor. A resolução deste paradoxo é inserida no sistema religioso que, ao identificar um indivíduo ou um grupo como portadores de sujidade⁵, promove o seu afastamento do grupo — o exílio — e após o período de separação, que implica paralelamente a purificação, os transforma em fonte positiva de poder.

Vejamos abaixo como Plutarco descreve a metáfora a exemplo da fundação de Siracusa:

Melisso tinha um filho chamado Actéon, o mais belo e modesto jovem de sua idade; ele tinha muitos apaixonados, especialmente Árquias, um descendente dos Heraclidas e o mais proeminente homem em Corinto, tanto em riqueza quanto em poder. Quando Árquias não conseguiu persuadir o menino a ser seu amante, decidiu tomá-lo à força. Levou junto uma multidão de amigos e servos e foram para a casa de Melisso em uma bebedeira festiva para tentar tomar o menino. O pai de Actéon e seus amigos resistiram; os vizinhos correram para ajudar a empurrar com violência os assaltantes e no final Actéon estava em pedaços e morto. Os meninos então fugiram e Melisso carregou o cadáver do filho para a ágora dos coríntios e o expôs, pedindo reparação daqueles que haviam cometido esses crimes. Mas os coríntios nada fizeram além de ter pena do homem. Sem sucesso, Melisso foi embora e esperou o festival Ístmico onde foi para o templo de Posídon, criticou os Baquíadas e lembrou ao deus os grandes feitos de seu pai Habron. Invocando os deuses, ele se atira das pedras. Não muito tempo depois, seca e peste assolam a cidade. Quando os coríntios consultaram o deus sobre a purgação ele lhes diz que a ira de Posídon não se amainaria até que buscassem punição para a morte de Actéon. Árquias aprendeu estas coisas pois era um dos que consultaram o oráculo e decidiu de espontaneamente não retornar a Corinto. Em vez disso, navegou à Sicília e fundou a colônia de Siracusa. Lá, tornou-se pai de duas filhas, Ortígia e Siracusa, e foi traiçoeiramente morto por Télefo, seu amante que tinha navegado com ele para a Sicília, encarregado de um navio. (*Moralia* 772e–773b)

As narrativas apontadas não são vistas como simples literatura, mas como um produto cultural bastante ativo neste contexto que se delineou no período de formação das *póleis*. Dentro

⁵ Os indivíduos que possuem algum tipo de impureza, mácula, que transgrediram os preceitos da vida em comunidade, da ordem cívica.

desta perspectiva, a narrativa forjada pelos gregos das épocas que se seguiram ao movimento expansionista seria um conjunto ordenado e seletivo de eventos representativos que sustentaram as empreitadas. Dougherty (1993) encontra paralelos com o caso grego, comparando os textos antigos aos da época da colonização da América do Norte, de 1621. Deste modo, cita uma carta de Robert Cushman, um dos líderes da empreitada colonial inglesa, em que a justificativa para a ocupação do espaço se coloca como um imperativo moral de Deus, e que, portanto, os devotos europeus devem levar o Cristianismo aos povos americanos. A América é vista como o “quintal” da Europa e precisa ser colonizada, pois é “*um vasto e vazio caos*”. Segundo Cushman⁶, antes da chegada dos europeus, a terra era improdutiva, inóspita e sem religião já que o Deus cristão é a base da “verdadeira religião”. Este discurso foi usado como uma justificativa para a *colonização* europeia na América e mais tarde para o neocolonialismo na África e na Ásia. Paralelo a esta perspectiva encontra-se o olhar de Homero ao tratar da terra não civilizada dos Ciclopes:

Nota-se uma ilha pequena, que fora do porto se estende,
nem mui distante nem perto da terra dos homens Ciclopes,
muito sombreada, onde cabras se encontram em número infindo,
todas selvagens, que os passos dos homens jamais afugentam.
Nunca, também, caçadores aí chegam, que pelas florestas
sofrem trabalhos sem conta, ao pisarem os cimos dos montes.
Grandes armentos, também, não se encontram, nem campos arados,
mas diariamente produz, sem que seja lavrada ou semeada
e erma de gentes; só nutre balantes rebanhos de cabras.
Entre os Ciclopes não se acham navios de frente vermelha,
nem carpinteiros capazes, que saibam construir segundo a arte
naves cobertas, como essas que trocas variadas permitem
pelas cidades dos homens, tal como é costume entre todas
as demais gentes, que em naves o dorso do mar atravessam.
A ilha teriam deixado, sem dúvida, mais habitável,
pois não é ruim, mas capaz de gerar toda sorte de frutos.
Nela se vêem, junto à margem do mar pardacento, macios
e úmidos prados. É certo que a vinha constante daria.
Para a lavoura há baixada; no tempo oportuno colhera-se
ótima safra, por ser o terreno, todo ele, mui fértil.
Porto de boa ancoragem ofrece, onde as naus não precisam
de lançar âncoras, nem de firmar os calabres em terra.
(*Odisseia*, 9.116-37)

⁶ Cf. Cushman, H.W. *A Historical and bibliographical Genealogy of the Cushmans: The Descendants of Robert Cushman, the Puritan from years 1617-1858*.

O discurso é claro — levar a vida civilizada a uma terra desocupada, desperdiçada por criaturas que são o “outro absoluto”, justificativa para a ação. Hayden White (1973; 1978), ao propor uma metodologia para discutir as narrativas históricas, é tido como um autor inspirador para análises dos relatos gregos sobre a colonização e leva-nos a entender que os gregos representam o fenômeno da colonização como uma história familiar, como se culturalmente, a narrativa fosse autorizada. A autodeterminação das fontes é algo importante a se destacar, pois os elementos literários atuam como força ativa, marcam uma posição significativa nesta interpretação. Os modelos narrativos ou enredos que tratam da colonização grega arcaica são padrão, pois trazem em seus repertórios, como vimos, uma ênfase na crise cívica e a consulta ao oráculo de Apolo em Delfos, destacando também o importantíssimo papel do fundador, do *oikistés*. Apolo autoriza a fundação de uma nova cidade e sendo esta empreitada bem-sucedida, o *oikistés* responsável deve ser imortalizado com um culto heroico dedicado ao fundador.

Duas questões básicas, assim, podem ser formuladas: como circulavam essas tradições coloniais? Quais eram as poéticas e contextos culturais adequados para contar a história das origens de uma cidade? Dougherty, neste sentido, constata que a poesia coral, devido em grande parte à sua natureza cívica e ao contexto de performance, cria um espaço particularmente adequado para situar a história das origens de uma cidade; estabelece então, como um estudo de caso, as tradições textuais e imagéticas relativas a Hiéron de Siracusa e sua fundação de Etna e explora a poesia epinícia e a tragédia como dois gêneros da poesia coral que “acomodam o discurso colonial dentro de suas próprias arenas poéticas” (DOUGHERTY, 1993, p. 83).

A narrativa colonial descreve, muitas vezes, os *oikistai*⁷ como exilados relutantes em busca de um novo local para viver. No discurso há, pois, indícios de uma resistência ao abandono do lar em direção ao desconhecido, ao novo espaço. Muitas vezes a consulta ao oráculo leva-os à conquista de terras, como é o caso de Míscolo de Rípes, que foi consultar-se sobre ter filhos e foi instruído a colonizar uma cidade na Sicília, Crotona (Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, 8.17.1). A consulta ao oráculo é a porta de entrada para as novas fundações ao longo do Mediterrâneo, e os discursos são direcionados nas narrativas, de modo a expor o pensamento vigente e a sustentar o pensamento da época. A consulta a Apolo tornou-se um ponto-chave da narrativa: o *oikistés* recebe da divindade um poder absoluto, ao mesmo tempo secular e sagrado, a ele cabe distribuir as terras e definir o espaço a ser destinado às divindades, estabelecer os contatos com as populações nativas, resolver, enfim, todos os problemas que ameaçassem a nova fundação. Segundo Irad Malkin, ele era o chefe político, religioso e militar (MALKIN, 1987). Ele é investido deste poder por Apolo, tornando-se o representante da vontade do deus na Terra. Ao *oikistés* caberá a incumbência do transporte do

⁷ *oikistés* é o fundador de uma *apoikía* (uma nova cidade). Após a sua morte, o fundador era enterrado na ágora e recebia, anualmente, o culto heroico. Retirado de: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary>.

fogo sagrado, desde a cidade-mãe até a “colônia”, estabelecendo laços culturais que dificilmente serão rompidos. Este é um símbolo importante da identidade política de uma cidade grega, pois é levada ao prítaneu, na Ágora⁸, onde se localizará seu túmulo. O simbolismo da transferência do fogo sagrado à terra recém povoada marca a viagem, traz bons augúrios. Segundo Graham (1964, p. 25) a intenção deste ato ritual era a de fazer com que a nova comunidade que está surgindo se sentisse como o prolongamento da que lhe deu origem. O *oikistés*, pois, tem um papel central, crucial nas narrativas das fundações, pois dele depende o sucesso da nova *pólis*; suas ações o tornam um ser excepcional, um herói, aquele cujo culto perpetuará a memória da cidade-mãe na colônia. A conservação da memória da fundação era um dos aspectos mais importantes na história da nova cidade e se mantinha na forma do culto de cunho heróico, celebrado após a morte do fundador, em torno da tumba que a ele era erigida, na ágora. Há menções a este culto em vários autores antigos, mas os vestígios arqueológicos da tumba na ágora são mais raros, tendo sido encontrados possivelmente em Mégara Hibleia, Selinunte (Sicília), Poseidônia (Magna Grécia) e Cirene (norte da África).

Assim como o fundador está enterrado no meio da ágora, a narrativa colonial ocupa uma posição central no desenvolvimento e produção da autoidentidade da cidade emergente (DOUGHERTY, 1993, p. 83). Veremos como na história posterior das fundações e, especialmente em Siracusa, os governantes procuraram se aproximar da figura do *oikistés* emulando a sua criação suprema: a fundação de uma cidade.

Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica*, 11.49) explica como o tirano siracusano Hiéron recebeu, após a sua morte, honras heróicas por ter sido o fundador da cidade de Etna. Em vida, Hiéron foi aclamado como *oikistés*, mas Diodoro o retrata como um tirano cruel e arrogante, antítese de seu irmão Gélon, que o precedeu. Embora a fundação tenha ocorrido no século V a.C., Hiéron adota fielmente o modelo e funções de um fundador arcaico, um *oikistés*: escolhe o sítio, concede lotes de terra aos seus seguidores e dá um nome à cidade.

Hiéron convidou os poetas líricos mais famosos de sua época, dentre eles Píndaro, Baquilídes e Simônides, para que cantassem suas vitórias em guerras, seu poder e especialmente seu ato como *oikistés*: a fundação de Etna. Ésquilo escreveu uma peça, *Aetnaeae* — da qual restaram apenas quatro versos — para celebrar a fundação. Segundo Cláudio Eliano (*Varia Historia*, 4,15), além das poesias encomendadas havia uma moeda cunhada em sua homenagem.

Assim, a memória das fundações é forjada pelas várias modalidades do relato, que vai se constituindo em um discurso colonial, construído social e culturalmente (HIRATA 1993, p. 60). O

⁸ Assim, a nova cidade concebe mais uma função para a ágora, a de abrigar o túmulo do *oikistés*, o que não ocorria na área balcânica (MALKIN, 2002, p. 203). O espaço do herói na ágora foi uma atribuição espacial que diferenciou funções espaciais na *pólis* colonial e, por consequência, os discursos proferidos tanto nas fontes escritas como nas fontes materiais.

posicionamento de Dougherty frente aos observadores do passado, que por sua vez vivem no presente, ou seja, nós, pesquisadores, é que somos também colonizadores do passado (DOUGHERTY 1993, p. 162). Observa-se que a autora traz uma discussão importante e nova para o contexto das fontes escritas, já que trabalha com o texto-agente, o texto que faz parte das ações de uma época. Esta visão pós-moderna do documento é uma forma de interpretação, nos tira dos limites da literatura e do fato histórico como estanques, agora passa a ter vida, passa de fato a incluir o pesquisador na interpretação, inculcando função ativa naquilo que é dito, nos discursos inseridos em uma época, sob a ótica de um presente, em que o observador também é ativo.

A natureza das fontes materiais e das fontes escritas: como se entrecruzam?

As fontes materiais podem ser trabalhadas em conjunto com as fontes escritas, considerando-se a natureza discursiva de ambos os documentos. Ian Hodder (1994, *passim*) salienta e reforça que a cultura material é um texto também, podendo existir uma multiplicidade de leituras do passado.

Artefatos e textos podem ser percebidos tanto como iguais quanto como diferentes. Sob uma perspectiva textual, os artefatos podem ser vistos como textos e as semelhanças têm sido salientadas nos últimos anos (ANDRÉN, 1998). Partimos do pressuposto de que a Arqueologia age no presente e por meio de interpretações do contexto antigo constrói visões contemporâneas baseadas na documentação, seja ela material ou textual. Por outro lado, a autonomia de cada categoria de fonte é essencial para o trabalho do arqueólogo clássico, pois é através da especificidade dos dados advindos de textos e escavações que o conhecimento é construído.

Segundo Ian Hodder (1994, p. 169) a documentação material ou cultura material pode ser lida como um texto, pois pode existir uma multiplicidade de leituras no passado. Desse modo, reforça a natureza discursiva de ambos os documentos.

A relação entre a tirania e a expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a.C. é nosso foco neste artigo. Os dados arqueológicos trouxeram-nos informações sobre a construção e expansão da cidade de Siracusa, por outro lado, as fontes escritas, com seu discurso próprio, trouxeram-nos uma visão da dinâmica da cidade, revivida por meio dos fragmentos de textos.⁹

O discurso impresso na monumentalidade criada pelos tiranos nos guiará por diversas questões como a política tirânica, o significado desta forma de governo, a sociedade da época e sua conexão com a cidade-mãe. A materialidade nos deixa lacunas que podem ser complementadas pela documentação escrita. Neste sentido, Diodoro Sículo, principal fonte da época, é o guia primordial, e nos detemos neste autor para nos aprofundarmos melhor nos comentários críticos. Para tanto,

⁹ Cf. HORA, J. F. *A expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a.C.* Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2013.

realizamos um cotejo minucioso de alguns trechos da obra, explorando melhor a tradução de termos diretamente da língua grega. Desse modo, o objetivo do cotejo entre fontes materiais e escrita é o de nos aproximarmos de suas metáforas, de seu discurso e de sua construção linguística.

Outros autores como Heródoto e Tucídides, os geógrafos e viajantes Estrabão, Políbio e Cícero, e o poeta Píndaro também são importantes, mas lhes dou menor ênfase por abordarem menos a cidade que escolhemos abordar, Siracusa. Tais autores, além de nos fornecerem informações acerca do contexto histórico abordado, também fornecem informações pertinentes sobre assentamentos, fundações, colonização, monumentalidade, tirania e deslocamentos populacionais na Sicília.

Tirania em Siracusa e autores antigos

Heródoto teria nascido em 484 a.C. em Halicarnasso, capital da Cária. De possível família abastada tinha largos recursos à disposição, tendo viajado pelo Egito, Líbia, Fenícia, Babilônia e provavelmente Pérsia. Nas viagens recolhia materiais para a sua grande obra *História*, o relato clássico da guerra entre gregos e persas. Esta é uma espécie de obra universal, orientada para o conflito entre gregos e o povo persa. No livro VII — *Polímnia* — tratará de um episódio importante na Sicília, a embaixada enviada pelos gregos ao tirano Gélon. Portanto, é uma obra que nos traz elementos importantes para este trabalho, seguido de um outro grande historiador, Tucídides.

Tucídides nasceu provavelmente entre 460 a.C. e 455 a.C., no distrito (*demos*) de Halimunte, em Atenas. Tucídides inovou o método histórico influenciado pelo racionalismo de Anaxágoras e pelo espírito crítico e iconoclasta dos sofistas. Sua obra, *História da Guerra do Peloponeso*, compõe-se de cinco partes. Ao longo da obra observa-se sua objetividade e cuidado ao aferir a realidade. A intenção do historiador era relatar detalhadamente, com fins didáticos, um manual de estratégia e política. Como a guerra envolveu praticamente todo o mundo helênico e outras regiões mais remotas com as quais a Hélade mantinha relações, inclusive a região do sul da Itália e Sicília entre os anos 431-404 a.C., o historiador nos traz referências importantes sobre a política e sociedade no auge da emergência tirânica.

Estrabão (63? a.C. -24? d.C.), geógrafo e historiador grego, afirmou haver viajado da Armênia à Sardenha e do mar Negro à Etiópia. Somente se conservam alguns fragmentos de seu trabalho histórico. Sua *Geografia* é uma descrição detalhada do mundo tal como se conheceu na Antiguidade. O texto de Estrabão relata também a prosperidade de algumas colônias, que atingiram um nível muito elevado. Síbaris e Siracusa são descritas como cidades de grande riqueza. Sua obra é composta de dezessete livros e em quinze deles há descrições de locais visitados, abordando transformações no território ao longo do tempo.

Píndaro cuja fama foi grande ainda em vida, tendo sido citado por Platão e Heródoto como “clássico”, desenvolveu numerosos poemas, incluindo todas as formas de lirismo coral, que

compreende hinos, peãs, ditirambos, trenos, elogios, prosódias, hiporquemas, partenéias, epinícios, agrupados pelos alexandrinos em dezessete livros, de acordo com cada categoria. (HIRATA, 2010, p. 201). As odes triunfais ou epinícios, comemorativas de vitórias nos jogos pan-helênicos — Olímpicos, Ístmicos, Píticos e Nemeus — costumavam ser encomendados pelos vencedores, sendo que as mais famosas foram dedicadas a Hiéron de Siracusa e Téron de Agrigento. Assim, o elogio dos tiranos sempre busca, no resgate de um antepassado ilustre — mítico ou histórico —, formas de legitimação do poder agora exercido.

Políbio nasceu em Megalópolis, Arcádia, por volta de 200 a.C. Logo se envolveu em atividades políticas, esteve no Egito em 180 a.C. como representante da Liga aqueia e se tornou o comandante de sua cavalaria. Com a derrota da Liga, retornou à Grécia para organizar a nova província da Macedônia, conquistada em guerras. Voltou a Roma, mas continuou viajando. Esteve aparentemente em Sardes, em Alexandria e em Numância, na Península Ibérica, quando a cidade foi conquistada por Cipião Emiliano (133 a.C.). Voltou à Grécia após a morte do amigo em 129 a.C. e morreu por volta de 118 a.C., em consequência de uma queda de cavalo. Políbio escreveu um panegírico dedicado a Filopemen, falecido em 182 a.C., um texto sobre táticas militares, uma história da tomada de Numância e um tratado sobre as regiões equatoriais, mas foram perdidos. Sua mais importante obra *Histórias*, de quarenta volumes, cobria o período de 264 a.C. a 146 a.C. Políbio considerava a história uma verdadeira ciência, que exigia verdade, um exame metódico e crítico das informações disponíveis e, ainda, o exame dos locais em que os eventos ocorreram (Políbio, *Historiae*, 12-28). Foi, aparentemente, o primeiro historiador a atribuir importância à geografia.

Marco Túlio Cícero nasceu em 106.C., em Arpino, a 100 quilômetros a sul de Roma. Apresentou aos romanos as escolas de filosofia grega e criou um vocabulário filosófico em latim. Alcançou a carreira administrativa e foi nomeado questor da Sicília. Na Itália, seu nome tornou-se conhecido e venerado, mas quando ele, insurgindo-se contra os desmandos de Verres, pretor na Sicília na época, produziu discursos sob o nome de *Verrinas*, começou a não ser benquisto na Itália. Escreveu muito sobre Siracusa, seus monumentos. Seus escritos são de suma importância para este trabalho, pois Cícero traz aspectos da monumentalidade e detalhes da malha urbana, que foram legados dos tiranos da época arcaica.

Diodoro Sículo, por sua vez, está, sem sombra de dúvidas, entre as mais relevantes fontes para se pesquisar a Sicília antiga e a Magna Grécia como um todo. Este autor descreveu diversas passagens sobre Siracusa na época tirânica. Em sua obra intitulada *Biblioteca Histórica* (que muitos chamam de *História Universal*) de quarenta volumes, uma compilação de materiais de seus antecessores, é uma base de apoio importante por conter passagens sobre as fundações e detalhes da política tirânica. Diodoro mesmo disse que sua cidade de nascimento era Agira, na Sicília, uma das mais antigas cidades do interior. Tinha um grande apreço pelo Império Romano e sua grandiosidade. Muitas de suas narrações esbarram com acontecimentos vividos por grandes figuras como Júlio Cesar e

Augusto. Na Sicília, e mais especificamente em Siracusa, os tiranos são descritos de forma muito favorável por Diodoro. Ao tratar das conquistas de Gélon e Hiéron e suas empreitadas em colônias vizinhas, não há referências negativas nas descrições por ele feitas, ao referir-se aos tiranos, não há hostilidade, ao contrário, as referências denotam muita admiração em alguns excertos. Alguns eventos, como a transposição compulsória de populações na Sicília promovida pelos tiranos, são narrados por Diodoro de maneira minuciosa e atenta.

Para compreender qual seria o sentido de tais narrações bastante particulares da história das colonizações foi necessário recorrer à filosofia corrente na época. Junto com a dominação romana a ideia dos estoicos de um cosmopolitismo era o caminho seguido na ocasião. O estoicismo no Império Romano tinha um estatuto institucional com temas predominantemente éticos e moralizantes, diferentemente do que ocorria na Grécia, seu berço. No período de Augusto a Nero o estoicismo esteve inserido em um contexto positivo. Augusto sustentava dois filósofos estoicos, Atenodoro de Tarso e Ário de Dídimo.

Alguns estoicos dessa época disseminavam em seus trabalhos ou tratados a doutrina que predominaria tanto entre poetas quanto entre historiadores, influenciando-os. Algumas ideias importantes do estoicismo serão pertinentes para a compreensão da forma discursiva que Diodoro se apropria em suas histórias. Sêneca difunde em *As questões naturais* uma forma de linguagem “natural”, ou seja não sendo simplesmente um conjunto de símbolos convencionais. Cícero propõe a noção de apropriação adequada dos papéis sociais. Como são tratados propõem uma doutrina que influenciou a literatura vigente. A noção de perfeição do sábio e a tolice e irracionalidade de todos os demais trazem a visão de admiração pelos grandes feitos, pela tirania, pelo poder, pois o tirano é um sábio, assim como Júlio César e Augusto. Uma concepção bastante forte no estoicismo seria o “destino” como força arbitrária e condutora.

Diodoro propõe uma história geral ou eventos gerais. A ideia de que o mundo mediterrâneo trazia coisas interessantes com a finalidade de beneficiar a todos em comum valor era corrente. Diodoro enfatiza os fenômenos particulares e fatos da história de seu interesse. No prefácio do primeiro livro a doutrina estoica fica clara, a ideia de *utilitas* da história, ou seja, a ideia de enfatizar e nunca entreter. A menção a fatos marcados da história está baseada na filosofia estoica, a narração exaustiva se dá pela noção da utilidade. A obra de Diodoro divide-se em livros: I — descrição do período mítico; II — história da Assíria, descrição da Índia, Arábia e as ilhas do oceano; III — Etiópia, África, os habitantes de Atlântida e a origem dos primeiros deuses; IV — principal deus grego, os Argonautas, Teseu e os Sete de Tebas; V — as ilhas e pessoas do Ocidente grego, Rodes e Creta; VI–X — fragmentos da guerra de Troia; XI–XXV — a história de 480 a 301.

Tirania em Siracusa de Período Arcaico: a ação discursiva da família Deinomênidas

A atuação política dos tiranos siciliotas, à diferença de seus pares da Grécia Balcânica, foi impregnada por projetos imperialistas que resultaram em guerras sucessivas, visando a anexação das cidades sob o domínio de uma delas. Siracusa assumiu, em vários momentos, esta liderança que a partir da época Helenística tornou-se definitiva. Holloway (1991, p. 43), interpretando a Sicília grega, considera as duas décadas, entre 480 a.C. e 460 a.C., como a “Age of the Tyrants”, ressaltando o papel importante dos líderes das famílias dos Deinomênidas de Gela e Siracusa e dos Emênidas de Agrigento, na vida política da ilha. Os tiranos Gélon e Hiéron (Siracusa) e Téron (Agrigento) são as principais figuras da época. Elencamos a seguir, de maneira sumária, os principais passos que marcaram a atuação dos Deinomênidas na Sicília.

Dinomenes teria sido o patriarca da família Deinomênida, pai de Gélon, Hiéron, Polizelo e Trasíbulo. Segundo Plutarco em *Diálogos Pítios*, I.9, Dinomenes consultou o oráculo de Delfos sobre o futuro dos filhos e este lhe respondeu que eles seriam tiranos. Gélon foi o que primeiro cumpriu a profecia: sucedeu o tirano Hipócrates de Gela, usurpando o poder de seu herdeiro natural, o filho de Hipócrates; o fez dando o destaque que lhe garantia o cargo de chefe militar, comandando a cavalaria e ampliando o domínio gelense sobre as áreas vizinhas. Tornou-se tirano sediando seu governo em Siracusa. Conseguiu derrotar os invasores cartagineses da Sicília, aliando-se a Téron de Agrigento. Gélon também foi conhecido por sua medida em relação aos inimigos vencidos, aliando-se a eles, assim como ocorreu no pós-guerra contra os cartagineses, quando nem Himera, nem Messina foram punidas ou mesmo atacadas pelo apoio dado ao inimigo púnico.

Quando Gélon morreu em 478 a.C., Hiéron o substituiu em Siracusa dando continuidade às políticas de Gélon. Hiéron teve oportunidade de realizar empreendimentos militares não só na Sicília mas também na Magna Grécia. Na guerra dos etruscos contra Cumas (476 a.C.), Hiéron enviou ajuda a Cumas, que venceu a disputa. De forma diplomática, sem guerra, Hiéron afastou a ameaça de Anaxilas de Régio Locres, que também era cobiçada por ele. Hiéron foi um chefe militar promotor de guerras e um homem político, com muita diplomacia e estratégia. Sua corte era muito frequentada por poetas e artistas, ele foi um mecenas, protegendo as artes e as letras, hospedando Xenofonte, Baquilides, Simônides, Píndaro, Êsquilo e Epicarmo. Hiéron tinha a pretensão de que sua corte fosse a mais brilhante da Grécia.

Hiéron tinha ambições não só de inspirar respeito e obter poder, mas de ser fundador de uma cidade e receber as glórias de *oikistés*. Assim o fez, transportando os habitantes de Naxos e Catânia para Leontini e, no local da antiga cidade, fundou Etna, povoada por mercenários siracusanos e peloponésios. Com a morte de Hiéron em 467 a.C., seu irmão Trasíbulo o substituiu, porém, a sua atuação desastrosa permitiu que fosse estabelecida a democracia em Siracusa em 466 a.C.

Tirania e os pensadores clássicos

Dentre os pensadores antigos que refletiram sobre a forma tirânica de governar destacam-se Platão e Aristóteles, neste sentido apresentaremos a seguir algumas das temáticas presentes nas discussões desses filósofos sobre a figura do “usurpador do poder”, o tirano.

Platão, na *República*, formula sua crítica à tirania de forma a contextualizá-la como um obstáculo ao ideal de justiça. Os tiranos, para o filósofo, adotam um mau governo, simbolizam a injustiça, a usurpação. De acordo com o Livro IX da *República* a figura do tirano representa uma ameaça ao bom governo e à justiça no contexto da *pólis* ideal. Trasímaco é um personagem crucial da *República*, já que este representará em seu discurso o governo do mais forte. Ao referir-se à justiça, menciona que o justo é aquele que se aproveita de sua força. A primeira vez que Trasímaco refere-se à tirania é para mostrar que cada governo estipula suas leis de acordo com os governantes, ou seja, favorável ao próprio. Ao longo de seu argumento coloca o poder à frente da justiça, e indiretamente demonstra que a tirania ocupava um lugar importante entre os regimes políticos, tal como a democracia, e que isso espelhava a distribuição de força existente na cidade.

O destaque de Trasímaco no diálogo não é irrelevante, pelo contrário, demonstra uma discussão vigente na *pólis*, no âmbito político. Este personagem é uma figura polêmica e relevante, digno do debate mais inquietante da *República*. Sócrates, personagem principal de Platão, não o considera um opositor fraco, mas um adversário de argumentos fortes e convincentes. A refutação socrática segue o preceito de que a filosofia pesquisa os significados, e não recua diante do que lhe é colocado, diferentemente dos sofistas, que não argumentam a verdade, mas persuadem apropriando-se da inverdade.

Para Trasímaco a injustiça das atividades humanas poderia ser convencional, baseada nos interesses e vontades particulares, ao contrário da proposta filosófica defendida por Platão, que preza as virtudes públicas. Desse modo, é possível entender que a defesa da injustiça pelo personagem segue os preceitos naturais, de felicidade individual levando-o à defesa da injustiça.

A tirania para Trasímaco, portanto, é símbolo da injustiça humana, pois procura satisfazer os interesses próprios em primeiro lugar. O sofista avalia o tirano de acordo com o senso comum da época. O tirano não é virtuoso para ele, apenas associa a “rapinagem” ao domínio alheio, o que demonstra concordância de que o tirano é um usurpador. A felicidade também, segundo Trasímaco, não pode ser associada ao poder, como é visto nas tragédias, em que os tiranos terão sempre um destino terrível. O personagem, bastante ambíguo, não defende claramente a tirania, mas argumenta lucidamente sobre o assunto, tornando-se um debatedor à altura de Sócrates. Platão estrategicamente o coloca nesta posição, pois suscita uma discussão vigente na época, ainda bastante controversa, que era um assunto incômodo.

Mas a *República* traz o ideal da cidade justa, do filósofo no poder, portanto traz a imagem do sofista frágil, deixando em sua argumentação muitas lacunas, então preenchidas por Sócrates ao longo dos livros que a compõem. As respostas às questões pendentes serão dadas, já que o filósofo busca a verdade, não a persuasão e o convencimento.

O livro IX traz algumas passagens importantes para a compreensão dos argumentos colocados por Trasímaco, e mostra como o homem tirânico nasce e torna-se um usurpador. Sócrates, no referido livro, inicia sua fala com uma pauta de discussão: a tirania; como um homem tirânico emerge de uma política democrática. Sócrates argumenta sobre a alma racional, dominada pela alma irracional e bestial, capaz de cometer loucuras (Platão, *República*, 571a).

A seguir, Sócrates entra na questão dos excessos de um homem democrático, pois se este tiver uma criação regrada por valores questionáveis, esse sentimento excessivo poderá emergir. O tirano nasce dos excessos cometidos, da loucura, da irracionalidade. Na ótica platônica, a tirania emerge da democracia, da sua degeneração. O processo de formação é semelhante ao de outros regimes imperfeitos. A aplicação excessiva do princípio que dá vida à constituição surge do seu oposto (Platão, *República*, 572a).

A tirania é para Platão um regime que domina a vida das cidades democráticas. O grupo de “zangões” é aquele alimentado por “amor, incensos, perfume” (573a). Esse grupo surge da distância entre o grupo dos ricos e dos pobres, desse modo torna fértil para “os zangões de grandes asas” se beneficiarem do poder através do ódio e da inveja. Então o povo imagina que é possível destruir os valores apreciados pelos mais ricos, colocando no poder um “defensor” das camadas populares.

A figura do tirano no livro IX tem toda a parte irracional destacada, é o extremo do excesso. A cidade por ele governada seria escravizada, dominada pelos desejos, já que o tirano é dominado pelas emoções. O povo, pelo medo de tornar-se escravo de homens livres, terá escravos como senhores (569 c). A lógica do mais forte exposta por Trasímaco no livro I encontra-se com a lógica de Eros no livro IX, que compõe assim a figura do tirano. A vitória dos desejos mais baixos sobre a civilização é o que demonstra a tese de Platão com relação à tirania.

A tirania segue o mesmo caminho corruptível de outras formas de governo, porém o tirano é produto do jovem democrático racional, tornando-se irracional ao longo de sua vida. Platão nos traz uma luta interna de expressão e poder da tirania, fazendo uma analogia com o contexto político da época.

Platão igualmente traça uma crítica à democracia no final do livro IX, aproveitando-se da imagem tradicional da tirania e da repulsa que causa aos concidadãos e aponta seus riscos. Desse modo, a tirania para o filósofo é o pior regime de todos, demarcando um limite negativo da alma, sendo destrutiva, o que distancia o homem da virtude e da justiça.

Para Aristóteles, há três espécies de tiranias: 1- aquela em que há eleição e na qual se governa de acordo com a lei; 2- aquela em que o tirano é déspota; e 3- aquela em que se governa

sem responsabilidade, para o bem somente do tirano. Aristóteles, assim como Platão, tem uma visão negativa no que diz respeito à tirania, pois para o filósofo é a pior das formas de governo. Há tiranias do tipo estabelecidas segundo as leis, como monarquias, com consentimento dos súditos, há também tiranias despóticas, em que o governante segue suas próprias leis sem se preocupar com seus súditos e há a tirania por excelência, sem responsabilidades, em que o governante exerce o poder contra a vontade de todos. Segundo o filósofo, a *pólis* que se apresenta com excesso de indigentes ou excesso de ricos acaba por estabelecer uma democracia extrema, ou uma oligarquia intemperante, e por causa dos extremos surgem as tiranias. Para Aristóteles os extremos não se justificam, ou seja, a crítica pode bem ser feita nos limites da *pólis* e não no extremo dela como Platão coloca na *República*. Na política é possível delimitar através de leis racionais a ação dos tiranos, e o justo é procurar o meio termo, assim como a lei, afirma o filósofo, para quem a tirania se arruína de maneira igual para cada uma das formas de *politeia*: a democracia extrema é a tirania.

Considerações finais

O embate de fontes nos levou a uma abordagem mais relacional, ou seja, fazer com que as fontes escritas e arqueológicas dialogassem entre si. Para este artigo, a nossa discussão girou em torno das narrativas coloniais e discursos imbricados. Inserimos, em princípio, uma discussão sobre a documentação escrita. Observamos, a partir de Dougherty (1993), uma perspectiva interpretativa das chamadas “narrativas coloniais”, como força atuante de negociações culturais. Vimos também como uma abordagem pós-moderna amplia a discussão sobre as fontes escritas e as coloca como fundamentais em termos de documentação, atuando como agentes no contexto. Procuramos demonstrar como devemos ficar atentos ao fato de que somos observadores do passado vivendo no presente, ou seja, nós, pesquisadores, temos a tendência de sermos colonizadores do passado. Neste sentido, buscamos trazer uma discussão importante e nova para as pesquisas documentais com fontes escritas, pois estas são datadas e inserem-se nas ações de uma época. Portanto, a visão pós-moderna do documento apresenta-se como uma forma de interpretação, que nos tira dos limites da literatura e do fato histórico, em que o documento passa a ter vida, incluindo o pesquisador nas interpretações, incutindo funções ativas naquilo que é colocado, dentro de um contexto discursivo de época, sob a ótica do presente.

Por fim, é importante ressaltar a força das narrativas discursivas dos diversos filósofos que apresentamos ao longo do texto na marcação do poderio tirânico, basilar para a sobrevivência política da família Deinomênida no poder em Siracusa do Período Arcaico. A filosofia, as narrativas históricas, materiais e monumentais e a poética da época trazem elementos discursivos importantes para a manutenção política e a construção de uma justificativa colonialista local marcada pela chegada dos gregos em contato com populações locais.

Referências bibliográficas

- ANDRÉN, Anders. **Between artifacts and texts: historical archaeology in global perspective.** Springer Science & Business Media, 1998.
- BIGNOTTO, Newton. **O tirano e a cidade.** São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- BRAVI, Luigi. **Gli epigrammi di Simonide e le vie della tradizione.** Roma: Edizioni dell'Ateneo, 2006.
- BURKERT, Walter. **Greek Religion.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.
- CICERO. **The Verrine Oration.** Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1928.
- DIODORO SICULUS. **Biblioteca histórica.** Post I. Bekker et L Dindorf recogn. C. th. Fischer. Ex. Rec. Ludovic. Dindorfii. Ed. Stereot. Ed. Annorum. London: Heinemann, 1956.
- DOUGHERTY, Carol. **The poetics of colonization: From city to text in archaic Greece.** London: Oxford University Press, 1993.
- GRAHAN, John. The Western Greeks. In: The expansion of the Greek world, eighth to sixth centuries B.C. **The Cambridge Ancient History**, 1982.
- HERÓDOTO. **História.** Trad. J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.
- HIRATA, Elaine Farias Veloso. **Arqueologia, Religião e Poder Político no Ocidente Grego** (Tese de Livre Docência). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- HIRATA, Elaine Farias Veloso; FLORENZANO, Maria Beatriz. As escavações em Morgantina: história de um trabalho arqueológico completo... ou quase completo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** 3 (1993), pp. 199-216.
- HODDER, Ian. The interpretation of documents and material culture. **Sage biographical research** 1 (1994).
- HOLLOWAY, Ross. **The Archaeology of Ancient Sicily.** London; New York: Routledge, 1991.
- HOMERO. **Odisseia.** Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- PLATON. **Œuvres complètes.** Tome VII, 1re partie: La République, Livres IV-VII. Texte établi et traduit par Emile Chambry. Paris: Les Belles Lettres.
- LA ROSA, Vincenzo. Le "Etnee" di Eschilo e l'identificazione di Xouthia, **Archivio Storico per la Sicilia Orientale**, LXX, pp.151-164, 1974.
- MALKIN, Irad. Exploring the Validity of the Concept of 'Foundation': A Visit to Megara Hyblaea. In: GORMAN, Vanessa B.; ROBINSON, Erik W (eds). **Oikistes.** Studies in Constitutions, Colonies, and Military Power in the Ancient World. Offered in Honor of A. J. Graham. Leiden: Brill, 2002. pp. 195-225.
- MAEHLER, H. **Bacchylides: a selection.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- PINDARO. **Olympion Odes. Pythian Odes.** The Loeb Classical Library. Trad. William H. Race. Londres. William Heinemann. Cambridge; Harvard University Press, 1991.
- PLUTARCH. **Moralia.** Cambridge: Harvard University Press, 1976.
- PLUTARCO. **Diálogos Píticos.** Introducción, traducción y notas por Concepción Morales Ota y José García López. Madrid: Gredos, 1985.
- POLYBE. **Histoires.** Texte établi par E. Foulon et traduit par R. Weil. Paris: Les Belles Lettres, 1995.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso.** Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- STRABO. **Geography.** Book VI. London: Heinemann, 1949, s/d, 6v.
- VERNANT, Jean; VIDAL-NAQUET. **Mythe et tragédie en Grèce ancienne:** Tome II. Paris: La découverte, 1986.
- WHITE, Hayden. Interpretation in History. **New Literary History**, 4. 2, pp. 281-314, 1973.

